

O regime dos caudilhos

Raul Pilla

QUE, embora compreensível, não muito fundado é o medo de Rachel de Queiroz, colhe-se da sua própria crônica. «Que pena a gente não poder ser parlamentarista — diz ela — pois grande coisa, senhores, é em verdade um Parlamento ciente do seu poder». E faz, então, a merecida e patriótica apologia do nosso Congresso, que, muito mais do que ciente do seu poder, é consciente das limitações peculiares ao sistema vigente. Não pode o nosso Parlamento (se é que lhe cabe tal nome) não pode o nosso Parlamento destituir um ministro relápsio, porque o sustenta o Presidente, não pode fazer as leis que quer, porque as anula o veto do Presidente; e, todavia, este Parlamento tolhido e sem capacidade executória, pôsto face a face com um poder onímodo e inamovível, poder que se terá de suportar até o último dia do mandato, não decai tanto, na sua impotência, que não mereça o louvor da cronista.

Como, pois, temer que esse mesmo Parlamento, que aí está quase sem força e, inerme, se defronta com um poder formidavelmente armado, pôsto em face de um poder dêle, e só dêle, emana, se mostre mais túbio, mais frouxo, mais acessível às manobras da demagogia e do caudilhismo? Indague Rachel de Queiroz, ouça deputados e senadores e concluirá que esse mesmo homem, cujas artes com tanta razão teme, teria caído umas quantas vêzes, dado que pudesse ascender depois de cada queda, se êle fôsse apenas um chefe de gabinete, que um simples voto de desconfiança depõe. Se no regime atual o governo tem sido derrotado várias vêzes no Congresso, não obstante a ditadura econômica e financeira que exerce no País, como descrever de que no sistema parlamentar tal não ocorresse com maior facilidade e, sobretudo, com muito maior eficácia?

Tranquilize-se a emmente escritora. Se caudilhos e demagogos constituem sempre um perigo, maior perigo são êles no sistema presidencial. Ascendem mais facilmente ao poder, pois, como o demonstra a história, nada mais os favorece, do que o voto popular; e, depois de lá instalados, dificilmente se removem, tais as prerrogativas de que os cerca o regime. O governo presidencial na América Latina é uma ditadura a prazo fixo, garantida pela Constituição. Por isto, demagogos e caudilhos não desejam outro regime constitucional. E, se pré-determinada é a duração do mandato, amplos recursos lhes faculta o sistema para eludir a prescrição.

Outra não é a causa da inquietação reinante no País.